

DE TARDE<sup>16</sup>

Naquele *pic-nic* de burguesas,  
 Houve uma coisa simplesmente bela,  
 E que, sem ter história nem grandezas,  
 Em todo o caso dava uma aguarela.

Foi quando tu, descendo do burrico,  
 Foste colher, sem imposturas tolas,  
 A um granzoal azul de grão-de-bico  
 Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima duns penhascos,  
 Nós acampámos, inda o sol se via;  
 E houve talhadas de melão, damascos,  
 E pão de ló molhado em malvasia.

Mas, todo púrpuro, a sair da renda  
 Dos teus dois seios como duas rolas,  
 Era o supremo encanto da merenda  
 O ramalhete rubro das papoulas!

16 A faceta pictórica da poesia de Cesário Verde assume neste relato de um episódio passado no campo contornos particularmente nítidos: levando o leitor a evocar “Le déjeuner sur l’herbe”, de Claude Monet, o “eu” descreve uma aguarela cujo centro cromático é o vermelho das papoilas que integram o ramalhete estrategicamente colocado entre os seios da jovem burguesa. Tal como o pintor dos finais do século XIX sai para a paisagem com o seu cavalete, o “eu” poético sai para o campo com o seu olhar, ferramenta sensível, que capta os flagrantes do real para, posteriormente, os trabalhar sob a forma de poema.

